



## DOSSIÊ “MICHEL FOUCAULT – DISCURSO, SUJEITO, VERDADE E CULTURA”

Lucas NASCIMENTO<sup>1</sup>

A Revista *Policromias*, volume 7, número 1, 2022, apresenta o dossiê **Michel Foucault – Discurso, Sujeito, Verdade e Cultura** motivada pela proposição foucaultiana de que a verdade é um “acontecimento” [Aula 11 de março de 1981] que sobrevém para uma realidade dada. O dossiê acolheu trabalhos atentos, especialmente, a responder à seguinte pergunta: “A partir do momento em que, numa cultura, há um discurso verdadeiro sobre o sujeito, que experiência o sujeito faz de si mesmo e que relação o sujeito tem a respeito de si mesmo em função dessa existência de fato de um discurso verdadeiro sobre ele?” (FOUCAULT, 1981, p. 14).

Embasados principalmente no curso iniciado com seu planejamento em 1980, *Subjetividade e verdade* permaneceu impermeável ao cenário imediato, ocupado, nos EUA, pela libertação, em janeiro, dos americanos detidos em Teerã, e pelo início da presidência Reagan, a qual ia pôr em prática o neoliberalismo que havia sido objeto do curso de Foucault em 1979; e, na França, pelos preparativos de uma campanha presidencial que em maio devia dar a vitória a François Mitterrand. Entretanto, o estudo das artes de viver antigas não traça um movimento de isolamento fora da atualidade política e da ação militante. Em novembro de 1980, mostrando

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Labedis (Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som) do Museu Nacional/UFRJ.



seu interesse pelo estudo das técnicas de si, Foucault anuncia que elas nunca fazem mais que traçar o programa de uma “política de nós mesmos”. Portanto, é realmente o estudo da “governabilidade” que prosseguiu, com a condição de ser compreendida como **superfície de contato**, ponto de articulação história entre um **governo de si** e um **governo dos outros**(GROS, 2016, p. 287). “O ponto de contato, no qual os indivíduos são dirigidos pelos outros se articula com o modo como conduzem a si mesmos, é o que penso que posso chamar de ‘governo’” (FOUCAULT, 1982, p. 39).

O curso apresentado por Michel Foucault em 1981 foi ministrado em 12 aulas no Collège de France, em Paris, com o início pela *Aula de 7 de janeiro de 1981* e o fim pela *Aula de 1º de abril de 1981*. O curso é o primeiro de uma série de aulas sobre a Antiguidade grega e romana, que prosseguirão até *A coragem da verdade (Le Courage de la vérité [1983-1984])*. M. F. encontra nos escritos da Grécia clássica, helenística e romana um ponto de fixação teórica que lhe possibilita uma conceitualização renovada da subjetividade e da verdade (GROS, 2016).

O leitor encontrará 10 artigos e uma resenha no dossiê **Michel Foucault – Discurso, Sujeito, Verdade e Cultura**. Tem-se a abertura pelo artigo de Pedro de Souza (UFSC), *E se essa vida, essa vida não fosse minha. O tempo sui generis da narrativa de si na cinebiografia sobre cantores*. O autor propõe análise do documentário *Rio sonata*, de George Gachot, 2010, que narra a vida da cantora Nana Caymmi. “A hipótese de análise é de que *Rio sonata* se estrutura discursivamente, sem qualquer compromisso com a coerência em relação ao dito antes sobre a cantora”.

O artigo *Parresíae retórica: notas sobre uma polêmica*, de Renan Mazzola(UFMG), apresenta duas visões sobre a relação entre a *parresía* e a retórica. O estudo de caráter epistemológico “ambiciona contrastar duas visões acerca da



relação entre filosofia e retórica, discutindo particularmente as modalidades de veridicção e as estratégias retóricas manifestadas no discurso de Sócrates”.

Em *Mairi, terra de Maíra: a ancestralidade indígena eclipsada em Belém*, a professora e pesquisadora do CNPq Ivânia dos Santos Neves (UFPA) adota a perspectiva arquegenealógica. Identifica “alguns acontecimentos e as estratégias de governamentalidade relacionados ao apagamento da ancestralidade indígena”. O estudo foca “na região constituída hoje pelos estados do Pará, Maranhão e Amapá, antes da invasão europeia denominada de Mairi, território dos Tupinambá e dos povos Tupi”.

Em *Leituras do dizer verdadeiro sobre a mulher e o amor no Arrochanejo*, Carla Luzia Carneiro Borges (UEFS) e Tamize da Silva Mota (UEFS) analisamos discursos do dizer verdadeiro. As autoras não se limitam à oposição verdade/mentira, produzidos nas audiovisualidades do Arrochanejo, mas fazem uma leitura sobre o amor a partir dos cliques de Gustavo Miotto, de Toninho Magalhães e de Luydi e Luiz.

*A Arquegenealogia como crítica à instrumentalização do pensamento: breve análise de três verdades do discurso progressista*, de João Kogawa (UNIFESP) e Dênis Silva (UNIFESP), analisam três interdições do discurso progressista que, à luz da arquegenealogia foucaultiana, inviabilizam a auto constituição do sujeito racional. Os autores tomam como materialidade comentários que circularam na internet sobre a entrevista concedida por Ney Matogrosso ao jornal *O Globo*, em 11 de julho de 2021.

Em *Como fazemos a experiência de nossas sexualidades hoje? Corpo, pedagogia e cultura de si em Girl From Rio*, de Anitta, Nilton Milanez (UEFS) se concentra em “a cultura de si, a questão do presente e a experiência como elemento histórico na constituição do sujeito”. O autor discute as



audiovisualidades do videoclipe de Anitta, *Girl from Rio*, em relação à utilização “da prática de uma cultura de si na qual o sujeito rompe com as constrações pedagógicas do passado dos anos 1960, quanto às práticas corporais e aos modos afetivo-sexuais de gerenciamento”.

O artigo *Foucault e a pós-verdade: reflexões sobre a contemporaneidade e os novos regimes de verdade*, de José Domingos (UEPB), empreende uma reflexão em torno da temática da verdade e da problemática política e ética contemporânea: a pós-verdade. O autor defende “que o surgimento da pós-verdade como um elemento político não se configura em algo totalmente inédito, mas que se inscreve na ordem de novos jogos de verdade que cada sociedade experiencia no curso de sua história”.

Em *Subjetividade e verdade a partir do acontecimento discursivo do amor de Ismenodora*, Denise Witzel (UNICENTRO) analisa Ismenodora, uma mulher mais velha, 30 anos, apaixonada por um rapaz mais novo, 18 anos, tendo como partida sua emergência no texto de Plutarco. A autora pensa “nas atualidades dos sistemas de obrigações próprios do discurso verdadeiro presentes na rede de poder-saber que enredaram e subjetivaram Ismenodora no passado e que enredam e subjetivam um sem número de mulheres alvo do etarismo no presente”.

*Subjetividade e verdade: a escrita de si nas cartas de Sêneca a Lucílio à luz de Foucault*, de Vilmar Prata (UFS), propõe reflexão de alguns fragmentos da carta IX (*Sobre Filosofia e Amizade*), de Sêneca a Lucílio, para “pensar questões à luz do estoicismo, objeto teórico em que Foucault lançou mão para se pensar esse sujeito, que se constitui a partir do outro, a partir da relação mestre-discípulo”.

Em *Artes de viver em Paulo Gustavo (Dona Hermínia): o sorriso como subjetividade e verdade*, Lucas Nascimento (MN/UFRJ) aborda questões



sobre as “artes de viver” do sujeito Paulo Gustavo em relação à sua conduta no matrimônio e nas “técnicas de vida”, por meio de fotografias disponíveis no *instagram* do ator e no filme *Minha Mãe É Uma Peça 3*. O objetivo geral é analisar o sorriso como gesto (sexual?) de resistência.

Por fim, o último texto do dossiê é *Foucault em nós: as audiovisualidades sob o olhar de Nilton Milanez*, de Francisco Vieira da Silva (UFERSA). A resenha é do livro de Nilton Milanez: **Audiovisualidades em mim**: autoanálise foucaultiana sobre homossexualidade infantil e corpo na ditadura (Labedisco, 2022).

A expectativa de reunir estudos teóricos e/ou analíticos esforçados na compreensão da relação subjetividade e verdade, dizer e fazer, discurso em excesso, horizonte da carne, sexualidade e permanência do político na nossa atualidade, efetivou-se por discutir os desdobramentos discursivos daí emergidos em objetos e materialidades diversas.

Com os textos apresentados, a relação subjetividade e verdade funciona como suporte para análises autorais. Pauta-se a marca da diferença em cada percurso realizado pelos autores. Eles oferecem apontamentos, dúvidas e reflexões com seus objetivos, problemas e hipóteses para questões elaboradas em relação ao seu corpus de trabalho. Cada produção permite leituras serem escritas – eis a tarefa dos pesquisadores que assinam seus percursos de olhares. Dizibilidades encorajadas marcam a polissemia da abertura aos seus leitores especialistas, ou não, curiosos ou partidários.

*Fica o convite à leitura!*

*Quinta-feira ensolarada, 31 de março de 2022.*

*Início de outono, Copacabana, Rio.*

*Por Lucas Nascimento*

*Labedis/FAPERJ*



**REFERÊNCIAS:**

FOUCAULT, Michel. [1981]. “Aula de 7 de janeiro de 1981”. In: FOUCAULT, Michel. [1980-1981]. **Subjetividade e Verdade**: curso no Collège de France. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. pp. 3-23.

FOUCAULT, Michel. [1982]. **L’Origine de L’Herméneutique de Soi**. Paris: Vrin, 2013.

FOUCAULT, Michel. [1983-1984]. **A Coragem da Verdade**: o governo de si e dos outros II. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras de Michel Foucault)

GROS, Frédéric. “Situação do curso”. In: FOUCAULT, Michel. [1980-1981]. **Subjetividade e Verdade**: curso no Collège de France. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. pp. 275-288.